

Contribution of Assistive  
Communication  
and Writing Signs for  
Communication with Deaf



# ***Contribution of Assistive Communication and Writing Signs for Communication with Deaf***

o

**Dra. Enilde Faulstich – Universidade de Brasília – UnB**

o

[enildef@uol.com.br](mailto:enildef@uol.com.br)

o

**Ms. Gláucio Castro Júnior - Universidade de Brasília – UnB**

o

[librasunb@gmail.com](mailto:librasunb@gmail.com)

o

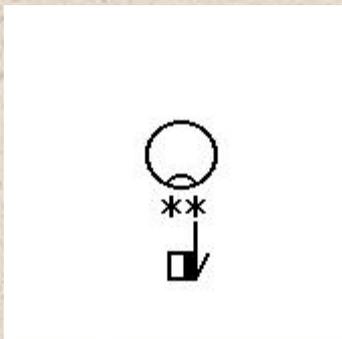
**Ms. Patrícia Tuxi - Universidade de Brasília – UnB**

o

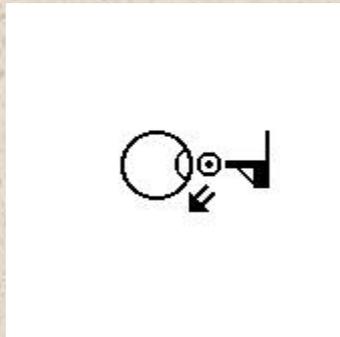
[ptuxiinterprete@gmail.com](mailto:ptuxiinterprete@gmail.com)



Possui graduação em Licenciatura em Língua Portuguesa e respectiva Literatura pela Universidade de Brasília (1975), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1979), doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (1988) e pós-doutorado (Pós-doc) em Linguística e Políticas Linguísticas pela Université Laval de Québec, Canadá (1993-94), com bolsa da CAPES. Como tema principal da pesquisa no Pós-doc, no Canadá, elaborou projeto para a criação do curso de Licenciatura em Português do Brasil como segunda Língua (PBSL). Atualmente é Professora Associada da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Linguística e Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Língua Portuguesa, Terminologia, Lexicografia, Lexicologia, Crítica de dicionários, Política linguística e Língua de Sinais Brasileira - LIBRAS no contraste com o Português (L2). É coordenadora do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos - Centro Lexterm - da UnB: <http://www.lexterm.unb.br>. Coordenou o Curso em EaD Licenciatura em Letras-Libras, de 2006 a 2010, do polo de Brasília/UnB.



o Pesquisador e docente da Universidade de Brasília – UnB, Instituto de Letras – IL, Departamento de LingUística, Português e Línguas Clássicas - LIP da Universidade de Brasília (UnB), trabalha com a pesquisa da aquisição do léxico por estudantes Surdos, relacionando-a com a aquisição do português como L2 e no estudo das variações regionais e lexicais na Língua de Sinais Brasileira, na pesquisa de materiais didáticos no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Lexterm) e Coordenador do Laboratório de Linguística de Língua de Sinais (LaBLibras), da Universidade de Brasília (UnB). Tem Graduação – Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, Graduação Licenciatura em Letras-LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no Pólo Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília (UnB) e Doutorando em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Graduando em Licenciatura em Letras-Português na Universidade de Brasília (UnB).



Professora Assistente de Libras e pesquisadora da Universidade de Brasília no campo de conhecimento: Léxico e Terminologia da Libras. Doutoranda em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Laboratório de Linguística da Língua de Sinais Brasileira – LabLibras (UnB) e do Grupo de Trabalho de LSB da Universidade de Brasília – UnB.

# Introdução

- o REVISÃO DE LITERATURA
- o Este trabalho é fruto de uma necessidade apresentada pelos estudantes do curso de medicina, enfermagem, nutrição e terapia ocupacional que participam das aulas de Libras. São estagiários que atendem a pacientes Surdos no Hospital Universitário de Brasília – HUB.

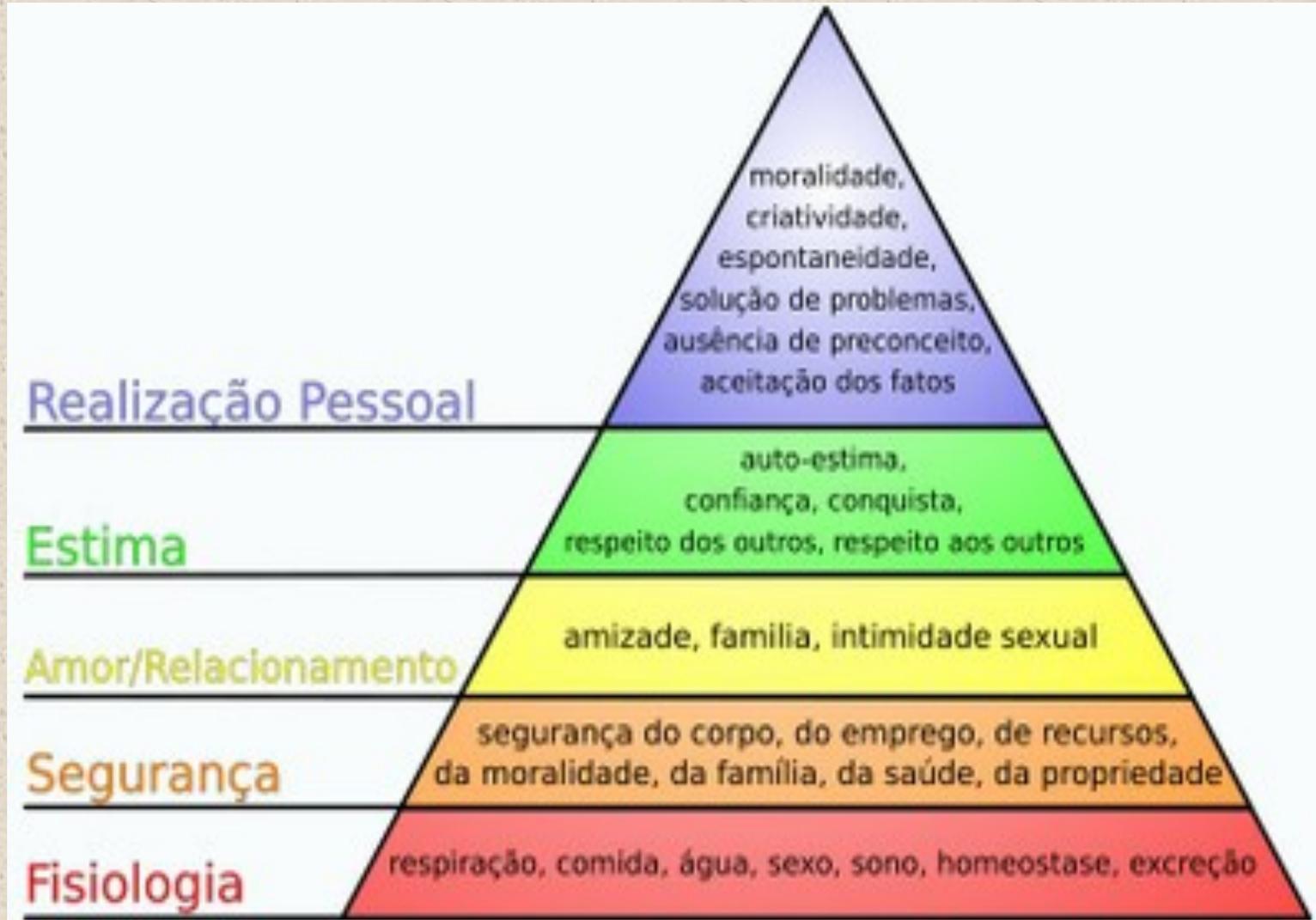
- o Os Surdos, quando são hospitalizados, passam a conviver, em ambiente estranho, com pessoas que não entendem sua forma de comunicação (Pagliuca et al., 2007).
- o Ao atender a uma pessoa surda, os profissionais deparam com dificuldades para estabelecer uma comunicação eficaz.
- o O fato de falantes de outras línguas não dominarem a língua de sinais constitui uma barreira para a interação com a pessoa surda (Chaveiro et al., 2010).

- Quando não há uma comunicação eficaz, não há como auxiliar o Surdo a resolver seus problemas e minimizar conflitos (Pagliuca et al., 2007).
- É preciso que os profissionais tenham conhecimento acerca das particularidades de como se comunicar com as pessoas Surdas, para que evitem má compreensão e deem a esses pacientes informações precisas sobre como cuidar de si próprios e sobre como usar a medicação (Costa et al., 2009). Sob esse ponto de vista, o conhecimento da nomenclatura dos medicamentos se torna fundamental.

Para isso, o ponto de partida da discussão é o léxico e, embora haja a possibilidade de aplicação de alguns princípios das técnicas lexicográficas das Línguas orais às Línguas de Sinais, “um lexicógrafo que deseje elaborar materiais em Libras deverá fundamentar a teoria lexicográfica em concepções linguísticas que não sejam as mesmas para os usuários ouvintes, porque, acima de tudo, o ensino e a aprendizagem da(s) língua(s) se dá de forma diferenciada.” FAULSTICH (2007: 155).

o O ensino da Libras congrega diversos profissionais, que atuam com saberes e instrumentos diferenciados para efetivar o atendimento e possibilitar uma real integração. O professor de Libras precisa estar consciente de seu papel na formação de novos profissionais por meio do ensino da língua e, nesse contexto, é preciso valorizar a escrita de sinais da própria língua pelo sistema SignWriting.

# PIRÂMIDE DE MASLOW



# Justificativa

Diante do exposto, pretendemos neste estudo descrever como se dá o desenvolvimento de um processo de comunicação alternativa, adaptada para o aluno Surdo que necessite de atendimento na área de saúde escolar.

# Objetivos

- o Objetivo Geral

- o Confeccionar um caixa de comunicação alternativa que utilize a comunicação para a comunicação alternativa.

- o Objetivo Específico

- o Adaptar a caixa de comunicação alternativa para o paciente Surdo utilizá-la com o profissional da área de saúde e que esta utilize a Língua de Sinais Brasileira – LSB e a escrita de sinais – SignWriting.

# Materiais e Métodos

- Para a criação da caixa de comunicação alternativa, relatamos um caso clínico, exposto pelos alunos da área de saúde, que frequentam o curso de Libras. Analisamos as necessidades dos requisitos básicos que deveriam estar presentes na caixa para que esse material se tornasse eficaz.

# Caso Clínico Descrito

- o “Criança de 8 anos, sexo feminino, Surda, acompanhada pela mãe também surda, vão para o espaço multidisciplinar de atenção à saúde. Criança apresenta febre alta, vômitos, dificuldade respiratória e fraqueza muscular. A criança foi imediatamente atendida. Após registrar os sintomas que eram visíveis de se perceber, a criança foi encaminhada em observação para investigação do caso, sem previsão de alta no hospital. Para facilitar e garantir a comunicação com a mãe e a criança, que são Surdas, a equipe de saúde discutiu em reunião interdisciplinar (médico, enfermeiro, nutricionista e terapeuta ocupacional), quais os elementos básicos para a comunicação com a paciente e sua acompanhante.”

## Materiais e Métodos

nutricionista	fome	cuidar	descansar	cirurgia	tontura	banheiro	cansaço
dieta	conversar	chorar	deitar	febre	enjoo (náuseas)	exames	alegria
comer	explicar	precisar	levantar	injeção	urina	dúvida	tristeza
alimentação/ alimentos (diversos)	querer/ não querer	perguntar	andar	seringa	fezes	medo	raiva
horário	gostar/ não gostar	responde r	enfermeiro	curativo	vômito	dor	
saúde	entender/ não entender	dormir	remédio	tosse	banho	paciência	

- Os termos acima, foram os selecionados como forma de facilitar a comunicação mínima direta entre o paciente e os profissionais de saúde que precisavam entender os sintomas físicos e emocionais do paciente.

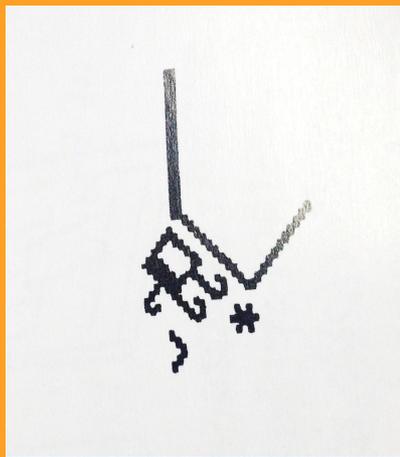
# Materiais e Métodos

- Definido os termos primordiais, a equipe de solicitou aos pesquisadores criar um recurso de comunicação alternativa que pudesse auxiliar os profissionais e os Surdos a se comunicarem;
- A partir de orientações de um pesquisador lexicógrafo Surdo e de professores de Libras, foi pensado uma caixa de comunicação alternativa que utilizasse três ícones linguísticos: a palavra ( Língua Portuguesa), o sinal (LSB) e a escrita de sinias (SignWriting).

# Resultados

- o 1 caixa para comunicação alternativa adaptada
- o Cartões sinalizados



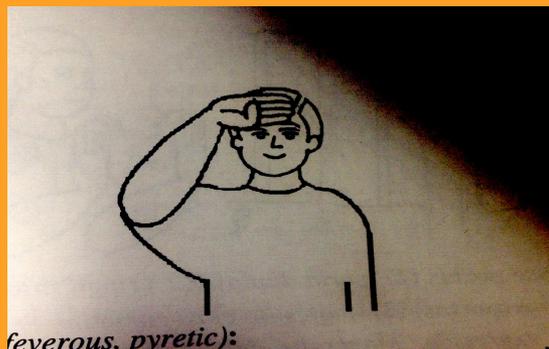


## INJEÇÃO

...ma esquerda para frente, com força e rapidez. M



## FEBRE



*feverous, pyretic):*

# Discussão

- Os cartões sinalizados e a escrita são os meios para a comunicação. É uma metodologia alternativa porque facilita um caso de conversação entre o paciente Surdo e o profissional da saúde. Serve como estratégia para assegurar que o Surdo fala por si, sem a necessidade de porta-voz. Assim, é garantido ao Surdo o direito de contato direto com o profissional que lhe atende; sua autonomia é desenvolvida e a cidadania é exercida. Também ao inserir o SW é valorizado a própria escrita da LS que é também um fator de identidade o sujeito Surdo.

# Considerações Finais

- o As fichas utilizadas foram uma forma de garantir uma comunicação mais efetiva com do Sujeito Surdo com os profissionais de saúde.
- o Para as crianças que foram atendidas um sistema de significação da escrita da sua própria língua;
- o Os adultos Surdos que não tem um contato efetivo com a escrita de sinais se sentiram estimulados e valorizados ;
- o Os profissionais de saúde, que participam dos cursos de L S B e mostraram abertos para o aprendizado da escrita de sinais;
- o A caixa mostrou um alto potencial de aceitação a um baixo custo;
- o Necessidade de novos estudos realizados com o público-alvo e
- o Necessária aplicação com a comunidade Surda em uma escala maior.

# Referências

- o Cardoso AHA, Rodrigues KG, Bachion MM. Percepção da pessoa com surdez severa e/ou profunda acerca do processo de comunicação durante seu atendimento de saúde. **Rev Latino-am Enfermagem** 2006 julho-agosto; 14(4).
- o Chaveiro N, Barbosa MA, Porto CC, Munari DB, Medeiros M, Duarte SBR. Atendimento à pessoa surda que utiliza a língua de sinais, na perspectiva do profissional da saúde. **Cogitare Enferm.** 2010 Out/Dez; 15(4):639-45.
- o Costa LSM, Almeida RCN, Mayworn MC, Alves PTF, Bulhões PAM, Pinheiro VM. O atendimento em saúde através do olhar da pessoa surda: avaliação e propostas. **Rev Bras Clin Med**, 2009; 7:166-170.
- o FAULSTICH, Enilde. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In: FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. **Linguística aplicada à terminologia e à lexicologia** – Cooperação Brasil e Canadá. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-31.
- o Haddad JGV, Neves-Amado J, Machado EP, Zoboli ELCP. A comunicação terapêutica na relação enfermeiro-usuário da atenção básica: um instrumento para a promoção da saúde e cidadania. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: 2011;35(2):145-155.
- o Nóbrega JD, Andrade AB, Pontes RJS, Bosi MLM, Machado MMT. Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 17(3):671-679, 2012.
- o Pagliuca LMF, Fiúza NLG, Rebouças CBA. Aspectos da comunicação da enfermeira com o deficiente auditivo. **Rev Esc Enferm USP** 2007; 41(3):411-8.
- o Pelosi M. Proposta de implementação da Comunicação Alternativa e Ampliada nos hospitais do Município do Rio de Janeiro - RJ, Brasil. **Revista Temas sobre Desenvolvimento**, volume 14, número 80-81, maio-junho, julho-agosto, Editora Memnon. 2005.p. 47 – 53.
- o Silva MJP. **Comunicação tem remédio**: a comunicação nas relações interpessoais em saúde. São Paulo: Ed Gente; 1996. 113 p.